seminário



variantes da destituição subjetiva: suas manifestações, suas causas – aula 1

COLETTE SOLER

BOM DIA A TODOS. Já estive em São Paulo muitas vezes, mas esta é a primeira em que venho para falar no Fórum. E posso dizer que é uma satisfação!

Eu me propus, neste Seminário, a falar a vocês sobre a "destituição subjetiva". Trata-se de uma noção propriamente lacaniana na psicanálise, que Lacan criou para definir a saída de uma análise; a saída, não seu termo. O que posso dizer inicialmente sobre a destituição subjetiva é que ela substitui a expressão freudiana "wo es war, soll ich werden" — lá onde "isso" era, "eu" devo advir — bem como é o que se opõe à identificação ao analista, noção comum em certas correntes da psicanálise. Entretanto, o próprio Lacan colocou no plural a expressão "destituição subjetiva", dizendo, por exemplo, que a ciência destitui o sujeito muito mais que a própria psicanálise.

Como vou falar com vocês em dois momentos distintos, nesta manhã, falarei sobre a destituição do "passe" e, à tarde, sobre as outras destituições. Na verdade, elas esclarecem- se mutuamente. Creio que quanto à noção de destituição subjetiva do passe, o que se faz necessário é tomá-la no nível lógico mais do que no patemático. É verdade que a palavra destituição tem conotações de afeto, de perda, de rebaixamento de um *status*, e, aliás, se vocês consultarem o dicionário, verão que o oposto, o contrário de destituição, curiosamente, é "nomeação" ou "instituição", termo este que vem do latim *statuere*, que quer dizer "estabelecer numa função". De imediato se vê que existe aí a suposição de um "outro". Um "outro" que outorga o *status*, ou o título, ou a função. Para se apreender o que é uma destituição subjetiva, é preciso que nos perguntemos o que é um "sujeito instituído". Para essa pergunta, não existe apenas uma resposta, porque há vários modos de instituição subjetiva, conforme os discursos. No fundo, no discurso a que chamamos de comum, no laço social do avesso da psicanálise, como diz

Lacan, existe uma forma de instituição do sujeito. O que quer dizer ser instituído como sujeito num discurso como esse? Creio que a forma mais simples de se dizer é esta: somos sujeitos nesse discurso cada vez que nossa opinião tem voz e é levada em conta.[1] Prova disso são as queixas e as reivindicações que escutamos por parte dos sujeitos, cada vez que eles têm o sentimento de que lhes foi retirada a palavra. Quando gritam, por exemplo, se, no hospital, são tratados como carne, como corpos, e o que eles têm a dizer não é ouvido. Temos queixas idênticas no nível do sexual: sermos tratados como um objeto a ser consumido. Ou, no local de trabalho, por sermos tratados como uma máquina, um instrumento a ser explorado. E, no fundo, a reivindicação política, democrática, vai no mesmo sentido. Sente-se que se é sujeito quando se pode dar opinião. Aí, temos, então, a instituição, não do que Lacan chama sujeito, mas sim de um eu (*je*). Há um "eu sou" que deve ser levado em conta: "eu sou um eleitor, um cidadão, um homem, uma mulher... a ser levado em conta." E esse "eu sou" vai junto com o sentimento de que "eu sou UM". Não vou insistir nesse ponto, mas, no discurso analítico, a instituição do sujeito é completamente inversa. Lacan introduziu esse termo, "sujeito", na psicanálise, um termo que vem da filosofia. Seria interessante, aliás, levar-se em conta todos os outros termos que são usados na psicanálise para não se dizer "sujeito". Vamos ver que Freu primeiro usou o termo "inconsciente", depois, sentiu a necessidade de pluralizar os termos, surgindo o *Ich*, o *Id* e o *Überich*. Outros propuseram o termo "ego", ou "*self*". Lacan tomou da filosofia o termo sujeito. Para bem se apreender a razão disso, convém voltar à tese de Lacan que diz que o sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência, desde Descartes.

Deixo de lado esse desenvolvimento para poder dar conta do meu propósito. Digamos que, de início, Lacan tem um postulado básico: o que é tratado na psicanálise deve ser homogêneo ao instrumento para tratá-lo. Então, o sujeito, na sua definição mais simples e também mais convincente, na psicanálise, é o que é definido pela sua dependência daquilo que se articula. Ele é, portanto, o suposto do que se articula. O que se articula foi abordado por Lacan em um primeiro momento como fala, em seguida, como estrutura de linguagem mobilizada na palavra. Mas, poderíamos dizer que há um "cogito" da "função e campo da fala e da linguagem", que seria "eu falo, logo eu sou". Eu sou o suposto da fala. Claro que se trata de um corte. Um corte, por exemplo, em relação à imagem, aquilo que se vê quando se abre a porta para atender

[1] *avoir voix au chapitre*: ter autoridade, crédito, para tomar parte de uma deliberação, de uma discussão.

um novo paciente. O que se vê é um corpo com sua imagem. Então, aqui se trata de um corte que vai privilegiar aquilo que é ouvido. Isso complica consideravelmente a questão do sujeito da ciência, pois o cogito de Descartes institui um sujeito, mas um sujeito *solus ipse*, um sujeito instituído em sua solidão. Ele não tem próximo, ele não tem semelhante, o "eu sou" do "eu penso" de Descartes. Há toda sorte de problemas na filosofia de Descartes para introduzir o outro "eu sou". O "eu falo" já implica, de início, um "eu não sou sem o outro". Um "eu sou a mercê do ouvinte". E, no fundo, uma das primeiras formas da divisão do sujeito construído por Lacan é o "não sem o outro". Eu sou instituído como sujeito cada vez que o outro, o meu ouvinte, me busca na palavra e não na minha imagem ou no real do meu corpo. Quando ele me busca no que eu posso dizer, quando ele me busca como aquilo que é dito. A psicanálise absolutiza essa dimensão. Essa dimensão não existe apenas na psicanálise. Por exemplo, ela também está presente no diálogo amoroso. Mas a psicanálise a absolutiza ao abordar o analisante apenas como sujeito.

Para avançar na necessidade da noção de destituição, é preciso desenvolver o impasse do sujeito. Há um impasse do sujeito suposto à fala. Suposto à fala "eu sou". Mas, "o que sou?" Eu poderia ir declinando "o que eu sou", "o que quero", "o que é isso"... Na psicanálise, nós não podemos, de forma alguma, nos contentar em responder como Descartes respondia: "eu sou uma coisa pensante". Por quê? É porque eu chego na psicanálise por causa do sintoma que faz de mim primeiramente uma coisa que sofre. E não é evidente que uma coisa que sofre seja necessariamente uma coisa que fale. É necessário a operação do discurso analítico para interrogar a coisa que sofre como coisa que fala. Isso nos conduz a um impasse. O que eu sou na articulação da minha fala, bem como na articulação de qualquer cadeia significante? Eu sou um mistério, eu sou uma incógnita, no sentido matemático da palavra, um X. Bem, um X pode tomar muitos aspectos, fenomenologicamente falando. Pode apresentar-se como uma encantadora curiosidade, como um enigma atraente e, também, no extremo oposto, pode apresentar-se como algo extremamente inquietante. Pouco importa. A instituição do sujeito tem como correlato necessário a indeterminação do sujeito.

O significante, sem dúvida, representa o sujeito. Tudo o que eu digo me representa, sem dizer o que eu sou. O que faz com que, no final das contas, o "eu não sei" seja solidário à instituição do sujeito. E a transferência analítica é a instituição

maior do sujeito, como um X que não se conhece. Vê-se que a instituição do sujeito é uma operação do discurso, que consiste em regrar, focalizar[2] uma incógnita, ou uma questão, se preferem, a partir de um sofrimento bem experimentado, reconhecido. Finalmente, a manifestação maior do sujeito instituído que nós procuramos na cadeia de associações é o corte. O sujeito jamais está tão presente como no momento de uma ruptura da cadeia. Pois, na cadeia, ele está encoberto. Então, qual é o nome freudiano desse sujeito instituído? É, bem, é simplesmente o que Lacan chama no *Seminário dos quatro conceitos*: o inconsciente freudiano, tal qual Freud o descreveu e abordou no início, como algo que se mostra de forma pulsante, isto é, que se mostra e desaparece, nos tropeços, nos cortes, nos hiatos, tanto da fala, quanto da conduta ou dos atos. E que Lacan qualifica como "o não realizado" e que Freud chama também de "desejo inconsciente", indestrutível e inalcançável. Daí a idéia de Freud do "umbigo", em que não se sabe mais o que apreender.

[2] *mettre au point*: expressão oriunda da ótica; regrar, focalizar.

Finalmente, esse sujeito já é uma destituição do eu (*je*) que o discurso comum institui. O eu (*je*) é um tipo de sujeito "egoificado". O sujeito instituído da psicanálise é uma destituição do eu egoificado do discurso comum. E, na verdade, é a psicanálise que faz aparecer, eu poderia quase dizer que ela interpreta, o eu (*je*) "egoificado" como o resultado de uma sutura, que é uma operação de discurso. Nesse sentido, a instituição do sujeito já é uma perda, perda do sujeito assegurado do que ele é, do que ele quer, do que ele diz, daquele sujeito que se recusa a pensar que o seu mal-estar, o seu sintoma, possa ter um sentido.

Já posso escrever no quadro dois estados do sujeito: *Je* - $.

Há o *JE* e há o S barrado... Bem, não vamos escrever, vamos apenas comentar. O *JE* é o sujeito suturado. Se eu fosse desenvolver isso, diria que é o sujeito identificado e, portanto, assegurado quanto a seu fantasma. O sujeito do S barrado é um sujeito instituído em forma de questão. Daí que Lacan fala de uma retificação subjetiva necessária, no início da análise, para converter o *JE* em S barrado. Na verdade, esse S barrado não é nem um "eu sou" nem um "eu não sou". Para ser exata, precisaria dizer que ele está em estado de *"pode ser"*. Portanto, ele oscila entre a perda de uma segurança e a espera de uma outra. O que é necessário não esquecer é que a instituição subjetiva pode ser rejeitada, refutada, isto quer dizer que ela pressupõe uma escolha. Uma obscura escolha. Talvez ela possa ser recusada duplamente: da parte do auditor e da parte do

sujeito que fala. Ou seja, pode-se não querer ser tomado ou tomar o outro como um sujeito indeterminado. E, ao contrário, podemos querer tomá-lo como uma imagem, um corpo a ser gozado, como acontece na pornografia, por exemplo. A moda também faz isso em parte. Um corpo a ser manipulado, como faz a medicina, ou instrumentalizado, como faz a economia. Então, a escolha subjetiva não agrada a todos. Isso é claro. Oferecer-se para ser tratado como sujeito é oferecer-se a ser tratado como uma incógnita. E os neuróticos adoram isso, assim é que graças a eles a psicanálise existe. O sujeito neurótico é aquele que positiva sua indeterminação. Ele até mesmo a cultiva. O histérico utiliza essa indeterminação erigindo-a como agalma, como sedução, serve-se dela como sedução. Assim, oferece seu mistério ao outro. Foi o que levou Lacan a dizer que a histeria é o inconsciente em exercício. Ajuntemos: o inconsciente freudiano. O obsessivo, com todas as suas dúvidas, faz barricada da sua indeterminação, o que lhe permite subtrair-se dos seus compromissos vitais e manter-se num suspenso interminável. Mesmo sem desenvolver, faz-se necessário acrescentar que o neurótico sofre de sua indeterminação. Ele sofre porque ela é sinônimo de inibição, de impotência e de angústia. É por essa razão que ele vai esperar que a análise ponha fim a essa indeterminação. Ao mesmo tempo, pode-se constatar na clínica, sempre com surpresa para mim, a que ponto existem sujeitos que têm medo daquilo que vão descobrir, do que poderia ser a resposta. É certo que essa dimensão é o que retém certos sujeitos no limiar da análise. Então, o sujeito neurótico ilustra o impasse do sujeito e o próprio Freud não achou a saída para esse impasse, o que levou Lacan a dizer, em 64, que, para se recolocar a psicanálise de pé, é preciso ir além do inconsciente freudiano. Por uma razão extremamente simples: o inconsciente freudiano não conclui. Essa é uma outra forma para se falar da indeterminação interminável do sujeito e todo o problema é chegar ao "sujeito da certeza", até na própria psicanálise. Então, o inconsciente, ou seja, o sujeito, não conclui e, para se finalizar uma análise e satisfazer o neurótico, é necessário que se chegue a uma certeza. Lacan, homenageando Freud, vai dizer que, na prática freudiana, vê-se que o sujeito da certeza está do lado de Freud que, em um certo momento, tem a coragem de concluir e de dizer o que quer esse X indeterminado. Entretanto, dizer isso com a linguagem serve apenas para prorrogar o impasse. Então, a questão é como se sair disso se o sujeito é mesmo o –1 da cadeia, que não pode ser reduzido, pois isso é da estrutura, mas que a análise, pelo contrário, confirma. Daí a

frase: "quanto mais o inconsciente é interpretado, mais ele se confirma como inconsciente". Essa é uma citação de Lacan. Finalmente, o que pode produzir a elaboração analítica em matéria de certeza? Bem, se o inconsciente não conclui, pôr fim à elaboração produz uma só grande significação, que Freud percebeu, que Lacan reformulou e que pode declinar-se como falta de ser, falta de saber e falta de gozo. Isso o analisante o sente e experimenta. Há um efeito castração na psicanálise.

Então, quanto à destituição do passe, esta vai tomar seu peso e sua lógica tendo-se em vista esse impasse na elaboração. Ela é, ao mesmo tempo, a resposta e a saída. O que significa que a análise vai do sujeito instituído como incógnita, que é um sujeito ao mesmo tempo faltante, a um sujeito destituído. É uma perda como a palavra conota. Mas perda de quê? Perda da indeterminação. Isso significa que é o fim do "pode ser", do "mais tarde", do "por que não", do "que fazer?", "quem sou eu? ", "o que é isso?" "será que eu fiz bem?"... etc.

Como é possível colocar um fim a isso? Há evidentemente uma razão de estrutura. Se o sujeito é um princípio de inconsistência e de incompletude, no sentido lógico dos termos, na análise, vamos encontrar também uma outra dimensão. Uma outra dimensão que se apresenta em ato e que é um princípio de constância, isto é, o sujeito pode ser indeterminado na cadeia, mas ele vai constatar, no fio das associações, que ele diz sempre uma mesma coisa. É um mesmo disco que gira, ele volta sobre as mesmas pegadas, mesmos sulcos, como se ele estivesse imantado, atraído sempre para os mesmos desvios. É por esse motivo que o analisante, depois de um tempo, acaba dizendo "mas eu estou girando em círculo". É de fato muito verdadeiro isso. Apenas, digamos que esse círculo não é formulável, pois é a cadeia, o disco. Cada um tem seu próprio disco. Hoje em dia, diríamos, seu CD. Seu compacto. Pode-se dizer que o pequeno compacto de cada um é contingente. Ele depende de sua história singular, dos acidentes da sua vida, do seu lugar de nascimento etc. e, também, do que Lacan chamou de "as armas da natureza". Mas, quanto a essa aderência ao disco, nós só podemos dar conta dela a título do gozo suposto que retém o sujeito cativo aí. Simplesmente, se ele não pode largar esse disco, é porque ele o satisfaz, o faz gozar de alguma forma. Então, a destituição, finalmente, o que é? É que o sujeito ganha uma certa percepção dessa satisfação que o amarra a sua história. Então, é uma perda. Perda, primeiramente, porque isso o determina e toda determinação vai junto com uma limitação. Aquele "o que é isso?" do início, do sujeito instituído,

deixa todos os possíveis abertos. Daí que o sujeito instituído é um grande sonhador. Ele sonha com o que ele poderia ser. Enquanto que o "é isso" é indizível, de alguma forma. O "é isso" implica um "é apenas isso e não outra coisa". Então, há, na destituição, com a perda da indeterminação, um certo consentimento ao limite, àquilo que se é enquanto limitado. Há ainda algo mais além do limite. É que o "é isso" não é sujeito. O "é isso" está, antes, do lado do gozo. É o que Lacan vai formular criando o "objeto a". A destituição subjetiva supõe, então, um atravessamento do "eu nada quero saber daquilo que eu sou como gozo". Essa ultrapassagem que, como eu acabei de dizer, implica uma perda, implica também um benefício. Um benefício, digamos, epistêmico, que está do lado de: o sujeito se instruiu, ou seja, isso implica um efeito didático, um "eu sei algo". Esse é o benefício epistêmico. A destituição subjetiva é acompanhada de um efeito de certeza. Se pudéssemos colocar em palavras, diríamos "eu sou isso". Então, podemos escrever o matema da destituição subjetiva: a / $. O "objeto a" no lugar do $ sujeito indeterminado; isto é, a substituição do ser objetal, ou o ser de gozo: "objeto a" pelo sujeito indeterminado.

Isso nos dá três estados do sujeito. Havia o sujeito suturado, o sujeito instituído e há o sujeito destituído. Vale dizer que o sujeito destituído, ou melhor, o momento de destituição, talvez, não é um sujeito da falta-a-ser. A destituição é um efeito de ser. Houve, nesse ponto, um grande contra-senso que o próprio Lacan retificou explicitamente. Na época, no ano de 1967, seus alunos interpretaram a destituição como falta-a-ser, e Lacan corrigiu isso em 69, no seu discurso a EFP, dizendo que a destituição não era uma falta-a-ser, antes, ela fazia ser. No fundo, é um efeito homólogo a uma identificação, na medida em que leva o sujeito a sua identidade de gozo, ressalvando-se que não se trata de uma identificação pelo significante. É por isso que Lacan, em um dado momento — e eu já comentei longamente esse assunto certa vez — falou de uma identificação ao sintoma. A identificação ao sintoma é uma maneira de designar o efeito de destituição. É obter um sujeito que se reconheça nas suas modalidades de satisfação. Agora, entendamos, a psicanálise não é uma resignação, a psicanálise produz efeitos terapêuticos, desloca os sintomas, modifica-os, mas, no final, não se tem um sujeito sem fixação de gozo. Então, quando Lacan finalmente vai falar em identificação ao sintoma, ele está-se referindo à idéia de se reconhecer e consentir as modalidades que se verificaram como irredutíveis e singulares.

Para darmos uma definição geral, podemos dizer que há destituição cada vez que o sujeito é determinado como objeto. O que isso quer dizer? Há um duplo aspecto no que Lacan chama de "objeto a", o "ludológico"[3]. Ele emprega essa expressão para dizer que não existe uma única definição do "objeto a", é uma escrita forjada para cingir aspectos diversos da experiência. Em um certo sentido, o objeto designa o efeito castração, por exemplo. Daí que encontramos na *Proposição de 67* esta frase que diz, para falar do passe, do fim: "saber vão de um ser que se furta". Não se tem a impressão, com essa frase, de se tratar de uma certeza. Mas, na verdade, aí está também uma certeza: a certeza dos limites da estrutura, certeza esta que foi posta à prova e verificada na elaboração. Esse é um dos aspectos da coisa.

O outro aspecto é o aspecto substancial do "objeto a". O que é impossível de ser dito não é, entretanto, sem substância, ele é feito corpo, isto é, participa do gozo. Ser determinado como "a" é sempre de alguma forma ser determinado como corpo. Mas por quem? Nós respondemos com Lacan: pelo Outro; no entanto, não podemos pensar que o Outro seja necessariamente o parceiro. O Outro é também o lugar da cadeia, dito de outra forma, é na linguagem, na cadeia, que me constitui, no meu disco, em que jaz algo, um desejo que insiste, que nada pode deter e que me comanda enquanto eu (*moi-je*). Algo que faz com que, uma vez tornado sujeito destituído, eu não seja mais dono daquilo que me comanda. É algo que me ultrapassa, que me leva, que me faz cativo de um gozo, de um desejo que, ao mesmo tempo, me define e também me apaga como sujeito. Se vocês me acompanharam, talvez entendam por que Lacan diz que o masoquista é um blefe, que o masoquista do gênero Sacher Masoch é um malandrinho. O masoquista pretende oferecer-se como objeto e, além disso, definir o objeto em questão, estabelecer o contrato, como queria Sacher Masoch, para dizer que objeto ele é. Evidentemente, essa é uma estratégia antidestituição. É uma estratégia que permite ao sujeito figurar-se como sendo o agente de todo o cenário em questão. É o contrário de uma destituição. O sujeito destituído não é um sujeito-mestre, é um sujeito que consente naquilo que ele é sem dúvida, mas que não domina, não controla isso.

Quanto a essa destituição que Lacan nos apresenta, qual é o seu estatuto na cura? Lacan a apresenta como sendo a única saída lógica da análise. Isto é, que se tem um algoritmo da entrada na cura, é o algoritmo do "sujeito suposto saber", e

[3] "*ludion logique*": expressão usada por Lacan, forjada a partir do latim *ludo*, que se refere ao jogo, ao lúdico.

isso implica que, na saída, vai haver o algoritmo também, o algoritmo da saída — o que eu escrevi por último no quadro. Trata-se de uma equação, segundo Lacan. Temos um X no início e, na saída, temos o valor possível desse X. Portanto, vejam bem, na idéia de Lacan, a saída pela destituição não é contingente, ela é necessária. Necessária desde que a entrada se tenha dado segundo o algoritmo da transferência. Em outras palavras, no discurso analítico, a destituição é programada. Que ela seja programada não implica que ela se produza em todos os casos. Vejamos bem isso. Pode acontecer que ela não se produza, bem como uma equação pode nunca vir a ser resolvida. Vou insistir no fato de que, por a destituição ser, ao mesmo tempo, necessária e programada, não estamos dispensados de nos perguntarmos se, em cada caso, ela se produziu ou não. Não estamos dispensados de procurar os índices de sua ocorrência. Daí que ela é solidária do dispositivo que Lacan tentou explorar. Do que isso depende? Depende do fato de que, embora essa destituição seja logicamente programada, ela pode, no entanto, não acontecer. É que, na análise, existe um elemento que não tem a ver com a lógica pura e que é precisamente o que Lacan vai chamar de o elemento ético. A ética pura é não-programável. A estrutura tem seu programa, mas o que se realiza dentro da estrutura não é só estrutura. E, no fundo, poderíamos tomar essa dimensão pelo lado do afeto. Lacan tentou precisar o afeto típico da destituição. Ele levou um certo tempo para encontrá-lo, mas ele o formula em 72 com a expressão "maníaco-depressivamente", com uma referência a Balint, o que é muito interessante, mas não vou desenvolver neste momento. "Maníaco-depressivamente" compreende-se porque é este o afeto típico: depressivamente porque há perda na destituição e, maníaco, porque há ganho. Esses afetos típicos, de alguma forma, são os afetos que respondem à estrutura.

A posição ética do sujeito pode fazer barragem à destituição. Isso quer dizer que "eu não quero isso" e "não quero saber de nada disso" podem vencer. No final das contas, experimentar-se e saber-se como objeto de alguma coisa que o ultrapassa, que é você mas que o ultrapassa, pode ser recusado. Há muitas formas de recusar isso; Freud, com a "reação terapêutica negativa", apreendeu, com certeza, uma dessas formas. As análises intermináveis ou muito longas, quase intermináveis, são talvez uma outra forma bem atual.

Então, que fórmula substitui o "wo es war soll ich werden", "lá onde isso estava eu devo advir"? A fórmula da destituição,

se for parodiar a fórmula freudiana, não seria "eu devo advir", pelo contrário, seria "eu sou destituído". A fórmula poderia ser "lá onde isso estava eu devo 'me fazer' ser, eu devo suportar ser". Quantos conseguem suportá-lo ? É uma questão. Eu dizia que dependia da ética do sujeito, mas o pós-passe também depende da ética dos sujeitos. Com efeito, a questão é que a destituição subjetiva não advém de uma vez por todas, é um ponto de finitude do processo de fala, mas que se pode recomeçar, já que se recomeça a falar enquanto analisante, o processo recomeça. Por isso Lacan falou de um passe sempre recomeçado. Há então uma pergunta no movimento analítico e na psicanálise, que é a questão do uso que os sujeitos fazem do ponto de destituição pelo qual eles eventualmente passaram. Não vou tratar dessa questão no seu conjunto, e, aliás, nem sei se conseguiria, mas queria apenas frisar que Lacan passou mais tempo foi formulando avaliações sempre mais negativas, decepcionado em relação ao uso do pós-passe, dizendo, por exemplo, essa fórmula muito engraçada: "Felizes os casos em que o passe fracassado deixa esperança."[4] Ao se interrogar sobre qual é a enunciação além da fórmula, tem a idéia que a destituição de passe, isto é, os casos em que o passe não é fracassado, pode produzir sujeitos desesperançados, que não deixam nenhuma esperança . E, no fundo, por que isso? Porque a destituição subjetiva pode conduzir a uma posição do tipo "destituído eu sou e assim eu fico!" E esse sujeito instalado na sua destituição — afinal, é seu direito — é um sujeito que não pode mais voltar a analisando. No entanto, o que Lacan e nós mesmos chamamos com nossos votos são sujeitos analistas sem dúvida, mas que passam a analisante ao nível da elaboração analítica, o que não significa um apelo à análise sempre recomeçada. A idéia é que é preciso que os analistas se tornem analisantes, para que a teoria não se mortifique, não se repita de maneira mortificante. É por isso que Lacan pode dizer "eu sou analisando no meu seminário". Então, efetivamente, há muitos usos da destituição. Lacan estigmatizou alguns na sua *Carta aos Italianos*, de 74, no fundo, ele observa que a passagem pela destituição subjetiva pode muito bem produzir sujeitos que, a partir de lá, empenham-se pelo que ele chama de a árvore genealógica, isto é, fazer-se um nome. É verdade que muitos neuróticos curados, não de todos os seus sintomas, mas das suas neuroses, da sua indeterminação neurótica, tornam-se grandes trabalhadores do nome próprio. Constate-se isso no próprio movimento analítico. Há outras soluções; há a solução não do grande trabalhador mas do grande preguiçoso, isto é,

[4] "Heureux les cas où passe manquée, ça laisse de l'espoir."

aquele que se dedica aos gozos da vida privada. Os dois casos de figura são casos de divertimento, no sentido de Pascal, em relação à psicanálise. O primeiro não vale mais que o outro para a psicanálise, é a mesma coisa. Então, é isso, eu vou deixar vocês com essa questão dos usos da destituição, que é uma perspectiva de pós-análise.

Perguntas

JAIRO GERBASE: Colette Soler disse que a primeira forma de divisão subjetiva seria o "je parle — eu falo", dado que esse "eu falo é não sem o outro", o que parece problematizado nos sujeitos que têm a experiência da alucinação. Eles parecem dispensar esse outro do diálogo. Mas, o mais importante ainda é a maneira como a Senhora conclui a sua conferência, propondo-nos substituir o sujeito indeterminado pelo "objeto a", que chega a ser incrível. Perdoe-me não ter alcançado o limite, mas me parece uma forma difícil de ser alcançada para mim. Até mesmo se examino na esteira de Freud o *soll ich werden* onde encontra-se aí um Ich, um sujeito.

DIDIER CASTANET: Primeiro agradeço a Colette Soler o que chamaria de um percurso, já que nos falou do sintoma do princípio da análise até a destituição subjetiva. Depois, gostaria de fazer duas pequenas perguntas. Queria saber se a Senhora está de acordo com o que vou dizer: é que a destituição subjetiva seria correlativa da travessia da fantasia — a Senhora não falou da travessia da fantasia.

COLETTE SOLER: Tomei cuidados para evitá-lo...

DIDIER CASTANET: Eu não evito. A travessia da fantasia tal como Lacan apresenta a tese no final do *Seminário 11*, em que ele fala dessa travessia como travessia dos semblantes em que o sujeito vem cingir o seu mais-de-gozar pulsional, quando se chega a apreender a relação do sujeito com seu gozo. Gostaria de re-situar o que Colette Soler articulou hoje entre a travessia da fantasia e a identificação ao sintoma.
A segunda pergunta relaciona-se ao que a Senhora disse sobre as *Notas Italianas*. Será que nós poderíamos fazer uma aproximação da destituição subjetiva com aquilo que Lacan diz sobre o sujeito que não teria sido levado ao entusiasmo, para quem pode ter havido a análise mas nenhuma chance do analista? A pergunta diz respeito à relação entre o entusiasmo e a destituição do passe.

Luiz Gonzaga: A Senhora falou em disco como se, na elaboração, o sujeito ficasse continuamente no CD, em volta desse disco, repetindo, e que isso poderia tornar a análise interminável. Queria saber como sair disso e alcançar o final de análise. O ato analítico só se dá do lado do analista, ou, então, como a Senhora vê o ato analítico do lado do analisando como algo que possibilita ir além do final de análise?

Angélia Teixeira: Gostaria de voltar à equação do final, da destituição subjetiva, porque me parecia que, no final de análise, poderíamos demonstrar a destituição subjetiva como a escritura do discurso, do discurso analítico: o "a" no lugar do agente se dirigindo ao outro, o sujeito barrado, situado no lugar do Outro. Gostaria de saber se seria possível pensar até mesmo a estrutura do discurso como sendo uma substituição da equação da metáfora paterna. Se a estrutura do discurso não substituiria a estrutura da metáfora paterna usada no texto de "Uma questão preliminar...", em que o lugar do X onde o sujeito deveria aparecer não poderia ser substituído pela estrutura do discurso, em particular o Discurso do Analista, em que a destituição poderia ser melhor representada: "a" flecha $ em lugar de "a" sobre $.

Colette Soler: Por serem feitas muitas perguntas e com a tradução, é possível que alguma coisa tenha-me escapado.

Respondo primeiro a Jairo Gerbase, mas vou deixar a questão da alucinação de lado. Com efeito, na fórmula de Freud há o *Ich*; a destituição quer dizer que não há o *Ich*. É nesse sentido que se pode dizer que, se seguimos Lacan em relação a isso, ele abandonou Freud, sobre esse ponto. Ele o deixou sem recusá-lo, isso exigiria um grande desenvolvimento.

As questões de Didier Castanet: eu evitei de propósito o termo travessia da fantasia porque é uma expressão que foi tão repetida, que finalmente é preciso todo um trabalho para desconstruí-la e saber o que ela quer dizer — se posso tomar emprestado o termo a Derrida. Então, não faço objeção a dizer que a destituição supõe a travessia da fantasia e que é uma travessia do imaginário e do semblante. Mas, eu faria uma reserva a limitar a destituição subjetiva dizendo que o sujeito cingiu o seu gozo pulsional. Por quê? Porque quando se diz o gozo, isso não se deve limitar ao gozo pulsional. O gozo pulsional é o gozo que se articula, que é ligado à articulação. Já desenvolvi isso em Bordeaux; se a análise não fizesse mais nada do que revelar a um sujeito qual é sua pulsão central: se é anal, oral, escópica ou invocante, não valeria a pena se dar

tanto trabalho. Muitos sujeitos sabem isso sem psicanálise, e cada vez mais. A pergunta de Didier introduz a questão: quando nós dizemos o gozo do analisante, o que isso designa? Teria todo um trabalho para falar sobre isso. A respeito da questão sobre entusiasmo, não vou responder agora, porque já respondi a isso implicitamente e eu vou responder à tarde, quando falarei das destituições fora de análise.

A outra questão é muito interessante, em particular seu final: de quem é a responsabilidade do ato analítico? Do lado do analista, pode-se pensar que esse ato tem uma função causal. No início da psicanálise, é muito visível, mas também ao longo dela. Mas, então, você perguntou "o que cabe ao analisante?" Eu evoquei a ética do analisante precisamente para dizer que alguma coisa cabe a ele, e, no fundo, isso é como se perguntar qual é o fator do lado do analisando que faz com que alguns cheguem a concluir e outros não. Eu disse, é forçosamente um fator ético. Eu não diria que é o ato, porque é uma questão de definição. Em uma época, eu formulei que seria necessário um analisando lógico; hoje, eu diria que eu tinha uma certa razão, porque uma conclusão é sempre uma operação epistemológica. Mas eu digo hoje ética, porque a ética não exclui o analisando lógico, mas é mais obscuro que isso, o que faz com que alguns sujeitos suportem algumas coisas e outros não. Em 1927, em seu texto sobre a angústia, "Inibição, Sintoma e Angústia", Freud acaba dizendo algo de bastante espantoso: que toda neurose é de origem traumática no final das contas. Porém, ele inclui no traumatismo esse fator obscuro que é a capacidade de suportar. Digamos então que traumatismo é perfeitamente relativo, que uma pequena coisa traumatiza uns e que um grande desastre deixa outros ainda de pé. O que é esse fator? Ele se encontra durante toda a análise e se encontra novamente no final. Então, eu prefiro colocar do lado do analisando não somente a lógica, mas também o fator ético, que é um fator bem obscuro de fato.

Então, eu respondo à Angélia Teixeira que tudo o que eu disse e tudo o que se diz de destituição subjetiva se situa no matema do discurso analítico. O que eu escrevi como matema da destituição não é absolutamente uma metáfora, há uma ambigüidade porque eu utilizei o traço. Isso designa uma mudança de posição do sujeito. Então, é a famosa virada do analisando em analista. Não sei se respondi.

Traduzido por Dominique Tuchon Fingerman
Estabelecimento do texto: Maria Célia Delgado de Carvalho, Elisabeth Saporiti